

O OLHAR  
DOS VIZINHOS  
NO JORNAL  
DA ZONA

RIO DE JANEIRO :: NOVEMBRO DE 2019 :: 2ª EDIÇÃO

Cultura Seiva



MUSEU DE ARTE DO RIO

## EDITORIAL

Com imensa alegria apresentamos a segunda edição do jornal *O Olhar dos vizinhos no jornal da zona*, uma produção coletiva das pessoas envolvidas no programa Vizinhos do MAR, especialmente daquelas que frequentam o Café com Vizinhos – encontro comunitário mensal, ícone e principal ferramenta do programa, cujas ações buscam estabelecer uma plataforma de diálogo, experiência e ação conjunta entre o MAR, moradores, coletivos e instituições da região portuária.

Nesse sentido, não é por acaso que iniciamos esse número do jornal com a matéria da oficina Folha sobre Folha, proposta dos educadores do MAR André Vargas, Gabriela Cyrne e Bruna Camargos. Os registros dessa oficina, usados inclusive na capa do jornal, apresentam de forma poética a dinâmica desses encontros e introduzem o leitor nas trocas que têm lugar naquele contexto. No café são deliberadas quase todas as ações do Vizinhos do MAR: são planejadas e realizadas visitas, oficinas, conversas protagonizadas por vizinhos e convidados, encontros com artistas e curadores, entre outras experiências. No café surgiu a ideia de fazer o jornal, cujo primeiro número foi publicado em abril de 2018 no contexto das comemorações do aniversário de cinco anos do MAR. Também no café formamos a comissão editorial responsável por esta edição do jornal, avaliamos erros e acertos do primeiro número para

redesenhar o formato e a estrutura atual, cujo projeto gráfico foi obra também de um vizinho, Augusto Batista, frequentador assíduo do café.

O Café com vizinhos vem se estabelecendo também ao longo do tempo como espaço de reconhecimento da comunidade pela própria comunidade – não apenas de relação com o MAR –, de fortalecimento dos vínculos entre os moradores da região, de apoio, compartilhamento e visibilidade das inúmeras ações sociais e projetos culturais que têm lugar nessa vizinhança, conhecida também como a Pequena África.

Como não podia deixar de ser, a efervescência da região fica evidente nas páginas do jornal, seja na trajetória da Sociedade Dramática Particular Filhos de Talma, apresentada por Ricardo Lens; na narrativa de Albino Neto sobre o famoso acarajé feito por Leila Leão na Casa Omolokum; ou em projetos como o Galeria Providência e o Impacto das cores, mobilizados por Hugo Oliveira e Aline Mendes, respectivamente, jovens moradores do Morro da Providência.

A vida no Morro do Pinto também foi retratada nesta edição por um conjunto de fotografias feitas por Sandro Rodrigues, cria da região, que inaugurou a seção “Ensaio”. Nas páginas do jornal, a história e as transformações da região portuária se

misturam às biografias de moradores e trabalhadores desse território, como Dona Marly, atendente da Flórida Restaurante desde 1981, que concedeu entrevista a Bruna Camargos; ou na memória de Iyá Davina, resgatada de um passado mais distante pela matéria de Luzia Rocha; no texto de Norton Tavares, sobre as Docas Pedro II, hoje conhecidas como o Galpão da Cidadania; no glossário do livro *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, e na história da fusão dos bairros que formam a região, como constam nas matérias assinadas por Paula Carriconde, a maior entusiasta do jornal!

Se historicamente a Pequena África está marcada por sítios de dor como o Cais do Valongo, por onde milhões de africanos trazidos à força de suas terras chegaram ao Brasil para serem escravizados, é também a partir dessa região que a cultura desses africanos em diáspora se enraizou em solo brasileiro e – conectada à herança dos povos indígenas – nos deu a seiva da nossa brasilidade. Esse número do jornal, feito com a colaboração de muitas pessoas, vem também celebrar essa conexão-seiva (como se lê no desenho que está na capa do jornal), que na região afirma a sua vitalidade a despeito de todas as adversidades!

Boa leitura a todos! E que venha o próximo número!

*Izabela Pucu*

## FOLHA SOBRE FOLHA

# OFICINA NO CAFÉ DOS VIZINHOS

*André Vargas, Bruna Camargos e Gabriela Cyrne*

Com origem nas inquietações dos vizinhos em torno da relação entre arte, natureza e vida, a oficina Folha sobre Folha foi pensada como um dispositivo de compartilhamento de memórias. Num primeiro momento, quando nós, os educadores do MAR André Vargas, Bruna Camargos e Gabriela Cyrne, nos reunimos durante o planejamento pedagógico, nossa ideia estava atrelada ao ato de caminhar, coletar e observar o cotidiano da rua na relação com folhas, plantas, Pancs (plantas alimentícias não convencionais) e outras ervas daninhas. O recorte conceitual estava na não-hierarquização dos saberes ou submissão das plantas apenas aos seus usos normalizados. Nosso querer estava envolto pelo princípio democrático e pela valorização da memória ordinária, construindo um processo em que todos pudessem participar. O desafio era a própria diversidade dos participantes, suas diferentes trajetórias, idades, mobilidades. O tempo de duração da oficina e o próprio ato de caminhar poderiam ser fatores limitantes para alguns sujeitos. Assim a ideia inicial foi se transformando, o que seria fora foi para dentro, o que seria caminhando tornou-se sentado, mas permaneceu o desejo por um



*fotos :: Benoit Fournier*

outro corpo enquanto os vizinhos do MAR estivessem tomando o seu café. Assim, o ato de fazer e experimentar as formas das folhas constitui-se como um elemento possível.

A mesa foi montada com variedades de folhas de cheiro, exalando um perfume que invadia a sala e os corredores do museu. O primeiro impacto era olfativo e logo em seguida a visualidade das folhas frescas e secas evocava uma experiência das cores. Cada participante deveria escrever em uma folha de papel uma palavra que expressasse uma lembrança do contato com a natureza, e em

seguida essa memória expressa no papel deveria ser trocada com outro participante. Com o registro do outro, a próxima ação estava na gravura, um exercício de transferência da forma das folhas. Tinta, plantas e imaginação caminhavam juntas no processo plástico em que palavra, papel, memória, adquiriam, então, uma dimensão coletiva. Ao final do processo de gravura, a folha deveria retornar para o participante que escreveu a palavra. Em roda, os participantes deveriam revelar, já com as suas várias camadas, a memória disparadora da ação. Os registros a seguir resultam dessas narrativas.

**Francisco de Souza**

**Palavra : REDE**

Lembro de um encontro que tive com uma pessoa em situação de rua, essa pessoa dormia num lugar na Lagoa Rodrigo de Freitas, entre duas árvores, numa rede. Eu achei muito interessante a solução que essa pessoa encontrou para viver na rua, nós conversamos muito e essa memória ficou em mim, alguém que vai mudando de lugar pela cidade com sua rede e seus dois carrinhos.

**Paula Carricone**

**Palavra : ARDÊNCIA**

Me lembro quando menina, acho que uns nove ou dez anos, eu estava

na casa de uma amiga que tinha um gramado na frente, nós estávamos brincando de bambolê. Quando nos cansamos, eu me sentei perto da parede da casa e comecei a sentir um comichão na perna, levantei rapidamente e comecei a comichar inteira, eu tinha sentado na urtiga, ardia muito.

**Ana Carla**

**Palavra : AFETO**

Eu coloquei afeto porque meu avô, quando eu tinha quatro anos, me chamou para ficar vendo da janela ele plantar o abacate. A vida toda eu comi esse abacate, eu adoro abacate, a fruta lembra o meu avô. Esse momento

da terra, a pessoa que fez a gravura captou. Meu avô passava horas mexendo na terra. Esse pé de abacate não existe mais, porque destruiu o muro do vizinho e nós tivemos que cortar, mas enfim, fica a lembrança daquele momento de afeto, ele me ensinando a plantar da janela.

**Arleni Batista**

**Palavra : FLORESTA**

A minha mãe é do Amazonas, as minhas raízes estão lá, mas infelizmente eu ainda não conheço. Olhar todas essas plantas me trouxe uma forte lembrança da minha mãe, esse é o meu pensamento, eu sou floresta.



A PRANTA QUE EU GOSTO  
É DE TODO SEU ACHO  
BONITO



**Niara do Sol**

**Palavra : PERSISTÊNCIA**

Essa palavra se refere a minha família e ao todo. Quando eu era pequena meu avô dizia “persistência”, dizia que nós estávamos vivos porque éramos tão persistentes quanto a natureza. Somos indígenas, ele nos levava na beira do rio, há quase setenta anos atrás, e dizia que o que estava ali persistia na vida mesmo com o homem tentando destruir. Ele levava a gente na montanha e falava a mesma coisa. Passa a vida, a gente estuda, faz novos conhecidos, amigos, hoje eu olho para a minha horta Dja Guata Porã e vejo que venceu na persistência, porque quando eu fui morar naquele condomínio, Minha Casa Minha Vida, disseram para mim que não dava para plantar nem mesmo uma roseirinha, uma

hortelã... Hoje eu tenho uma mini florestinha lá. Eu levei tudo o que foi plantado aqui no Museu de Arte do Rio na época da exposição que tinha o mesmo nome que minha horta, plantei lá e continuo plantando a cada dia mais, lá têm batata-doce roxa, batata-doce amarela, hibisco, eu faço geleia com o que a minha horta oferece.

**Eliana Rosa**

**Palavra : CURA**

A minha mãe era curandeira, quando eu entrei aqui e vi essas plantas em cima da mesa fui remetida a minha infância. Na minha casa não entrava remédio de farmácia, essas ervas nós tínhamos no quintal de casa, mas para curar mesmo nós íamos para o cerrado, lá existiam plantas completamente diferentes de tudo o que a gente conhecia. Minha casa,

no interior de Minas Gerais, era muito movimentada por pessoas querendo a cura, um remédio.

**Celina Rodrigues (Mãe Celina de Xangô)**

**Palavra : CURA**

Eu também coloquei a palavra cura porque lá em casa eu fui criada por três mulheres fortes, minha mãe, minha avó e minha bisavó. Lá em casa também não entrava alopátia, nós fomos criadas à base de ervas. Eu tenho uma filha de 33 anos e uma neta que são criadas com ervas até hoje, eu fui criada pelas ervas, eu fui curada pelas ervas e crio com as ervas. Então eu vim lá de trás, lembrando da minha bisa que era analfabeta mas tinha uma sabedoria ancestral, ia no mato, não sabia nem o que era, mas sabia que aquela erva ia fazer um bem para algum de nós.

**Bruna Camargos**

**Palavra : REVIVER**

Escrevi reviver porque estou passando por muitos processos de reencontros, alguns que nem imaginava que existissem. Reviver, para mim, tem relação com a alimentação, como plantamos, o que plantamos, porque plantamos, como e o que comemos. A alimentação é também um ato político. Esse pensamento está mudando o meu corpo, o meu espírito e as formas como me relaciono com o mundo. Recentemente estive num encontro de permacultura e aprendi muito, toda a minha relação com plantas foi evocada nesse encontro, minha avó, minha mãe, minha infância de conversas com as plantas no quintal. Estou caminhando nesses lugares do cuidado e nascendo novamente, a troca com todos vocês tem me alimentado muito, porque cada um tem um conhecimento e eu vou juntando e aprendendo. Minha última descoberta foi a importância da cobertura de solo, tem um tipo de capim, a Brachiara, que ajuda a nutrir o solo e manter a umidade, isso é muito importante para a sobrevivência das plantas e para a nossa também.

**Elcio Costa**

**Palavra : TAMARINDO**

Eu fui criado na Glória, na época ainda existiam alguns terrenos que não tinham casas, terrenos abertos. Num desses terrenos tinha um tamarindeiro imenso. Quando a gente jogava futebol, a gente se reunia sempre no tamarindeiro por causa da sombra,



do fruto, e era um lugar em que ninguém ia nos aporrinhar. Eu nunca mais vi um tamarindo no Rio de Janeiro, se alguém souber de algum me avisa.

Intervenção dos vizinhos: “Tem sim, no Grajaú, em Vila Isabel, Campo de Santana, Méier tem muito”.

**Ricardo de Aragão**

**Palavra : SAMAMBAIA**

No final da década de 1970, na minha casa meu padraço arrumou uma samambaia chorona, ela crescia bastante, era só dar altura, nós achávamos aquilo um máximo, eu acreditava que aquilo valia uma fortuna, tínhamos uma samambaia chorona, planta rara, impressionante. Quando eu estava na casa dos meus amigos

e comentava sobre a planta, sempre me pediam para levar uma mudinha, eu tentava tirar a muda da samambaia e não conseguia, eu levava e ela não pegava, e eu ficava me sentindo extremamente culpado por ter tirado a muda da samambaia. Já nos anos 2000, passei num desses quiosques que vendem plantas perto do metrô de Copacabana, vi uma placa de venda de mudas de samambaia chorona a 5 reais, não sabia se era mesmo, porque as mudinhas de samambaias são parecidas, mas confiei e levei para casa. Fui regando todos os dias pela manhã (planta só se rega pela manhã), elas foram crescendo e ficaram lindas, tão lindas que eu adotei como filhas, uma se chama Gisele e a outra Ludmilla.

**Niara do Sol**

Intervenção: Posso ser intrometida e apresentar uma coisa da samambaia? Nós temos muitas qualidades de samambaias, tem um tipo de samambaia que dá no meio do mato. Quando éramos crianças, se chegasse alguém lá em casa que tivesse algum problema com infecções, a minha mãe mandava a gente no mato para

avó faziam isso durante sete dias, treze dias ou 21 dias, dependendo da doença, e a pessoas se curava. É um tipo de samambaia em que as folhas são bem grandes e ela fica bem no mato. Ricardo, você sabe por que as mudas de samambaia que você tirava não pegavam? Porque você precisa esperar a folha ficar seca, quase seca e colocar num lugar úmido, as sementes estão nas folhas.

**Norton Tavares**

**Palavra : AMARGO**

Minha família é nordestina e na minha infância tudo lá em casa levava coentro, eu odiava aquele negócio, aquele gosto. Mas na semana passada eu resolvi dar uma chance ao coentro, olhei na feira, comprei, e agora eu estou colocando coentro em tudo. Estou me reconectando ao coentro, dá



tirar a samambaia. Se fosse homem tínhamos que colher de manhã cedo, às seis horas mais ou menos, se fosse mulher a colheita era depois das seis horas da tarde. Preparávamos um banho para a pessoa, quando esfria esse preparado parece uma gosma, com ele ainda morno a gente esfregava o líquido com uma bucha por todo o corpo e deixava a pessoa ali coberta. Minha mãe e minha

**Augusto Batista**

**Palavra : SAMAMBAIA**

A minha palavra também é samambaia. Quando eu era garoto todo mundo tinha samambaia em casa, era algo muito popular.

Intervenção dos vizinhos: “Você sabia que o coentro ajuda a eliminar metais pesados do organismo? Faz muito bem comer coentro”.

vontade de colocar até no café... rs. colocar num lugar úmido, as sementes estão nas folhas.

**Luziete Fernandes**

**Palavra : HORTELÃ**

Essa é uma das plantas mais fáceis de cuidar, até na parede da cozinha ela cresce. Eu nasci no Ceará e na minha casa tinham muitas plantas. Atrás dos nossos quartos,

minha mãe tinha um plantio de hortelã e ela nunca molhava, eu sempre pensava “como essa planta sobrevive?”. Era exatamente porque a fossa artesanal – nós não tínhamos banheiro com cimento – passava ali perto. A umidade que vinha da terra fazia com que a hortelã brotasse, eu tenho muito presente o cheiro da hortelã. Não precisa de muito para plantar, hoje aquela água saborizada que está sobre a mesa eu fiz com o pé de hortelã da minha casa, uma mudinha que a Niara do Sol me deu. Uma coisa que eu descobri da hortelã é que toda vez que ela der aquele galhinho, um fio marrom, você pode picar e colocar dentro do vaso da própria planta porque é adubo, o próprio galho dela se transforma num adubo.

**Leandro Rodrigues**  
**Palavra : INFÂNCIA**

Minha mãe trabalhava e me deixava na casa da minha avó, que era uma casa muito grande e tinha um jardim. O jardim dela era um pouco diferente, porque minha avó só plantava o que tinha espinhos. Quando minha avó queria punir a gente, quando fazíamos alguma coisa que ela não gostava, ela dizia “menino vai brincar no jardim!”. Nós íamos e voltávamos todos espantados.

**Hamilton**  
**Palavra : SUCO**

Desde criança eu sempre fui tratado com ervas medicinais, quase não fico doente, o único problema que tenho agora é de pressão, mas também já estou com 75 anos. Até os meus sessenta anos eu não tinha

noção de que a babosa pudesse virar suco, eu só conhecia de passar no cabelo, porque minha mãe, minhas tias usavam muita babosa para hidratar o cabelo.

**Robson Felix**  
**Palavra : FÉ**

Além de suco, da cura de doenças com chás, a gente tomava muito banho de ervas. Da alevante, abre caminho, tem a ver com a matriz africana da religião.

Intervenção dos vizinhos: “Você junta abre caminho, arruda, alecrim, esse banho potencializa a vida”.

**Dauá Puri**  
**Palavra : FERRUGEM**

Ferrugem na folha quer dizer a doença fúngica, que nós vamos encontrar muito em função da poluição do ar, da fraqueza da terra. É importante tratar a terra para que não tenhamos essa ferrugem nas folhas.

**Sandro Rodrigues**  
**Palavra : FELICIDADE**

Felicidade me remete à infância. Existia um parque bem pertinho da minha casa, a principal brincadeira da criançada era escorregar de papelão no gramado. Tinha muito mato em volta, nós ficávamos o dia inteiro escorregando, subindo e descendo ladeira. A primeira lembrança que eu tenho com a natureza é desse gramado, que não existe mais infelizmente.

**Petrucio Anjos**  
**Palavra : VIDA E RESISTÊNCIA**

Na minha infância eu brincava muito dentro da mata, depois de um período vieram aquelas máquinas derrubando todas as árvores.

**Lili**  
**Palavra : MÃE**

A minha palavra acho que é uma coisa em comum com várias pessoas, esse poder, um amor maternal. Minha mãe sempre



cuidou muito da gente com plantas em casa, mas esse cuidado tem muita energia do amor que ela colocava em tudo, isso era o principal dessa cura toda.

**Gabriel Catarino**  
**Palavra : ESPADA DE SÃO JORGE**

O universo das plantas é riquíssimo, poderoso e merece de nós todo respeito. Talvez poucas pessoas saibam, mas uma árvore gera oxigênio para vinte seres humanos, para você entender a potência disso para todos nós. Mas eu queria falar aqui da espada de são jorge, o santo todo mundo conhece, um grande guerreiro, ele tem três armas: um escudo que o defende dos golpes, a espada que abre os caminhos e a coragem. Nós seres humanos nascemos sem essas características, a nossa evolução vai nos ensinando isso: termos um escudo que nos proteja, uma espada para abrir nossos caminhos, e, acima de tudo, a ter coragem.

**Hugo Oliveira**  
**Palavra : AMENDOEIRA**

Eu lembrei o quanto que a goiabeira (na casa da minha avó) era importante para mim, só que antes da goiabeira a minha primeira árvore era a amendoeira. Eu tive a oportunidade de fazer uma casa na árvore com os meus amigos, era uma casinha no topo com madeira. Nós passávamos o dia inteiro roubando frutas no bairro e depois íamos para essa amendoeira trocar ideia, falar das peripécias que tínhamos feito, dos muros que tínhamos pulado, dos cachorros de que tínhamos que fugir.

**Izabela Pucu**  
**Palavra : CONEXÃO-SEIVA**

Escutando vocês, eu acho que aqui é uma grande conexão-seiva, acho que tem uma ecologia de saberes, uma costura das relações um com o outro a partir da relação com as plantas. Na minha casa também tinha uma goiabeira que

eu acessava pelo telhado, tinha uma mangueira que até hoje está lá. Meus irmãos querem que tire, porque, como Ana disse do abacateiro, a raiz vai para a cisterna. Eu dou um ataque dizendo que vou me amarrar à mangueira. Quando éramos pequenos, meu pai sempre dizia que ia construir uma casinha na árvore, mas não construiu. Fazíamos diversas pontes, era na mangueira que eu subia, atravessava uma pontezinha para subir no telhado e acessar a goiabeira. Então de alguma maneira já havia uma casa ali pelo nosso uso. Quando eu me casei vim morar no Rio, antes morava em Niterói, fui morar em um apartamento e sofri muito, porque tinha gente em cima, embaixo, do lado da minha cabeça. Eu não tinha o céu, não tinha as plantas, então comecei a cultivar, eu tenho 5 palmeiras num apartamento,

tenho uma série de ervas. Mas eu lembrei de uma memória mais recente. Uma grande amiga, Eleonora Fabião, que vai ficar sete meses fora do Brasil, por causa dessa minha relação com as plantas, foi com uma comitiva para minha casa levando todas as plantas dela para que eu cuide. Estou hospedando as plantas, por conta disso nós cunhamos a expressão conexão-seiva, que era a presença das plantas dela na minha casa, uma conexão-seiva entre eu e ela lá longe, no frio, num país como a Noruega, e eu aqui no calor dos trópicos.

**Gabriela Cyrne**

**Palavra : AUTOCUIDADO**

Eu ajudei a organizar essa atividade e o problema, desde o começo, eu falei com o André, é que eu não tenho nenhuma relação com plantas. E agora? A minha mãe consegue matar cactos, lá em casa é um cemitério de plantas, onde eu morava era só cimento, o rio é podre, eu jogava lixo no rio e dava tchau, era péssimo. Eu fiquei pensando e nada me veio à cabeça. Quando eu vi a babosa aqui pensei “eu não entendo nada de plantas”, mas eu entendo de cabelo, de cuidado com a pele, me lembrei da babosa e a minha palavra foi autocuidado (eu adorei essa gravura inclusive). Enfim, só que ouvindo todo mundo falar eu lembrei de uma planta que é a dormideira. Era tudo asfalto, cimento, coisas esburacadas e não tinha muita planta, mas no caminho da escola, quando eu tinha uns sete anos, tinha muita dormideira e

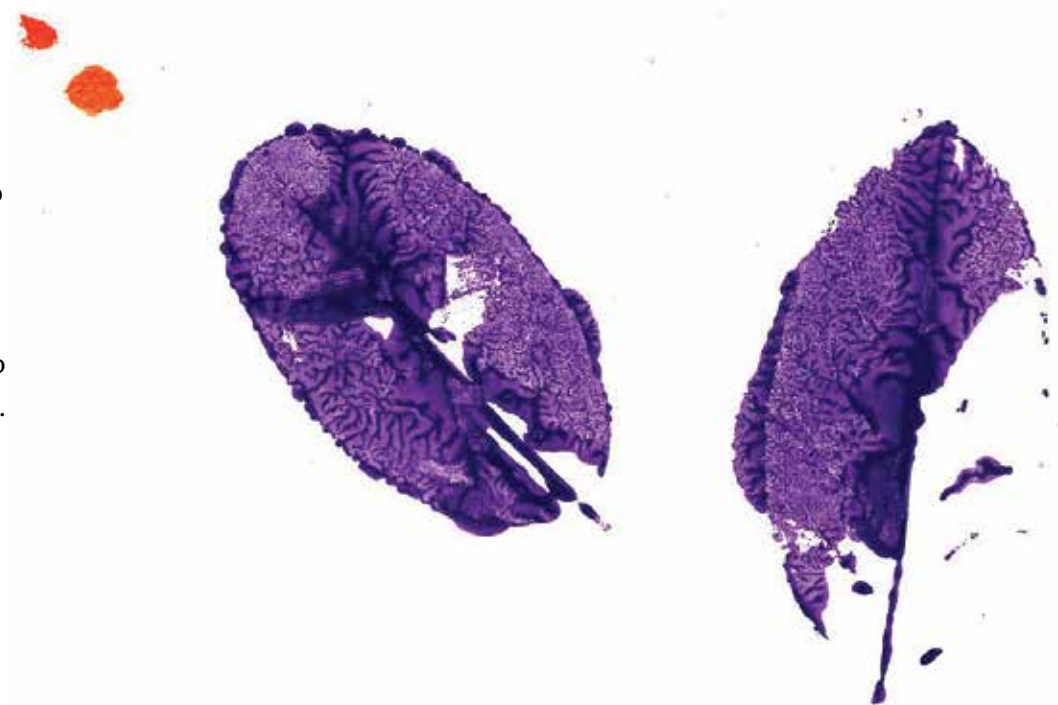
a gente ia tocando e cantando... “dorme, dorme, dormideira só acorda sexta-feira”. Eu percebi que eu tenho uma memória.

Intervenção dos vizinhos: “Eu conheço dorme, dorme, dormideira só acorda segunda-feira”.

**André Vargas**

**Palavra : CRESCER**

Essa palavra poderia ser uma palavra que apontasse o meu crescimento pessoal, o meu contato com as plantas como uma forma de autoconhecimento, mas na verdade ela aponta a minha paixão pela minha comigo-ninguém-pode, e ela parece retribuir o amor que sinto por ela. Porque eu gosto de chegar em casa e perceber que mais um andar surgiu nela e isso renova o amor que eu tenho. E ela também gosta de jogar uma folhinha para cima para me distrair. Essa relação do



crescimento da planta que, óbvio, me traz um conforto de proteção, também me faz caminhar com as minhas plantinhas em casa.

**Matheus Fontinele**

**Palavra : CUIDAR DAS PLANTAS**

Essa pintura eu fiz com muito prazer, também gosto das plantas. Essas plantas são bonitas, eu acho maneiro, fiz um desenho que diz que nós temos que cuidar das plantas, da natureza, ficou bonito, ficou colorido.

**Luciana Coutinho**

**Palavra : CURA**

Minha palavra também é cura. Quando vejo uma mesa repleta de diferentes espécies de plantas lembro que cada uma tem uma função, eu sou farmacêutica, então vejo o lado da cura mesmo. Isso me remeteu à infância quando a minha mãe, sempre que a gente tinha algum problema de

barriga, resfriado, fazia um chá. Eu quis lembrar que as plantas ou a associação delas podem trazer benefícios para o nosso organismo

**Marcia Alves**

**Palavra : Germinar**

Eu fiz um curso de horta na Ação da Cidadania, eu não tinha nenhuma planta em casa, agora tenho muitas e meu filho, meu parceiro, começou a se interessar por tudo o que eu planto, ele me ajuda, cuida delas comigo, conversa com as plantas, é muito bonito ver ele crescer com essa conexão.

**Aline Mendes**

**Palavra : Cura**

Eu também vou pegar o caminho da cura, porque na minha infância lembro da mamona. Nós usávamos as bolinhas para bater guerrinha lá no Morro da Providência. Mas quando eu tive sarampo, a minha mãe fez o colar do talo da mamona, eu tinha que usar esse colar com uma roupa vermelha, não lembro direito se era sarampo ou catapora, mas sei que foi um dos dois e eu me curei.

**Cosme Felippen**

**Palavra : Consistência e Cura**

Minha palavra é consistência e cura, quando eu cheguei aqui eu não sabia o que estava acontecendo, mas eu peguei esse papel. Eu cheguei com o bonde andando, mas papai do céu me deixou esse papel aqui na cadeira, alguém foi embora e deixou essa palavra não sei por quê. Mas as plantas me remetem à cura porque a minha avó e a minha mãe faziam chá de boldo quando eu estava mal do estômago. E tinha uma mãe



de santo de umbanda do lado da minha casa, no terreiro tinha uma aroeira grande, quando tínhamos algum problema íamos tomar banho de aroeira. Também tem essa história do chá de quebra-pedra para problemas nos rins. A minha avó paterna, a dona Geralda Preta, todo mundo do Morro da Providência de cinquenta a sessenta anos atrás conhecia ela. A minha avó morreu na Copa de

2002, ela era rezadeira e mãe de leite de metade do morro, ela teve mais de dez filhos, ela cuidava de porcos ali do lado dos ingleses, também trabalhava com a reza e com as plantas. Hoje em dia, a maior parte da minha família paterna é evangélica e nega a memória dela. Eu sou pastor, mas eu sempre falo da minha avó Geralda Preta, ela era macumbeira e rezadeira.



## PERSONAGENS DA REGIÃO

# DONA MARLI

Entrevista de Bruna Camargos



Dona Marli no Florida Restaurante em 1981. Acervo pessoal.

*“O mar serenou quando ela pisou na areia*

*Quem samba na beira do mar é sereia*

Clara Nunes

Dona Marli Farias, de 67 anos de idade, é ilustre conhecida dos adeptos do pão de queijo e cafezinho do Flórida Restaurante, na Praça Mauá. Com um sorriso aberto e uma doçura no olhar, Marli navega pela história com o desejo de partilha, é o tipo de pessoa que cultiva amizades, que se importa com o outro. Criada pelo pai, Marli saiu da escola aos nove anos de idade para trabalhar

como babá em Copacabana. Casou-se aos dezesseis anos, com o primeiro namorado:

*Minha mãe largou meu pai quando nós ainda éramos crianças (eu, meu irmão mais velho e minha irmã mais nova). Meu pai queria me casar logo para que eu tomasse conta da minha irmã menor, ele dizia que para os homens era mais tranquilo, não pegava nada! Meu irmão ficava o tempo todo com ele, pensamento de outro tempo. A gente sempre se perguntava se ele não gostava da gente. Eu fiquei mocinha, meu pai dizia que iria me casar com o primeiro namorado que eu tivesse. Assim foi, foram três meses entre namoro, noivado e casamento. Eu*

*tive que aguentar meu marido por nove anos. Saí do buraco, caí no abismo. Quando eu larguei ele, voltei para a casa do meu pai. A minha mãe morava aqui no Rio, em Santa Cruz, só que ela não procurava a gente, com quinze anos eu reencontrei ela. Minha irmã era danada, morreu de Aids, minha mãe morreu do coração e eu tô aqui viva!*

Em agosto de 1981, após ter se separado do marido, com dois filhos pequenos para criar, Marli conseguiu o trabalho no Flórida, por intermédio da mãe:

*A mãe trabalhava no prédio da 1ª Delegacia de Polícia [prédio que hoje abriga a Escola do Olhar – Museu de*

*Arte do Rio (MAR)], ela falou com o delegado, que era amigo do meu antigo patrão, o seu Joaquim. doze horas de trabalho por dia, quarenta minutos de almoço, 12 mil cruzeiros de salário. Fui lá, conversei com o gerente que era espanhol, ele me disse “se agrada assinamos sua carteira”, no dia primeiro de setembro minha carteira foi assinada e lá se vão 38 anos. Todo mundo falava para não ir à Praça Mauá, que era um lugar de perdição, muita boate, muita mulher da vida. Nunca ia imaginar que um dia eu viria parar aqui, de tanto as pessoas falarem eu tinha medo. Eu sou carioca, mas vivia presa, as pessoas falavam e eu nem sabia onde ficava. Foi aqui que a minha vida boa começou, minha liberdade. Criei meu filho e minha filha trabalhando no Flórida, como balconista, comprei minha casa própria.*

Inaugurado em 1969 como boate, o Flórida passou a ser frequentado por prostitutas e chegou a funcionar como terma. Dona Marli revela que o Flórida começou como bar e lanchonete, no final da década de 1950, próximo ao Edifício A Noite, na época sede do Departamento Nacional da Propriedade Industrial (DNPI):

*Quando eu vim trabalhar aqui, o Flórida já estava onde está hoje [Praça Mauá, 9]. Meu antigo patrão, o seu Joaquim, ficou ali por 33 anos, depois vendeu para o Célio, que já está na empresa há quinze anos; vendeu com tudo, porteira fechada. Daquela época só ficamos eu e um rapaz da cozinha que foi embora, mas depois voltou. Eu ficava no café, que antigamente era na beira da rua.*

*Conheci muita gente trabalhando, éramos três meninas no café e não dávamos conta. Seu Joaquim era um pai para mim, nunca me negou nada e esse patrão que comprou dele é um filho para mim, ele me chama de Lili.*

Ao falar da atual Praça Mauá, Marli diz que é como uma página virada, mas ela não esquece de suas páginas anteriores. A antiga rodoviária Mariano Procópio (cuja marquise pode ser vista na bilheteria do MAR), de onde tomava os ônibus para a baixada fluminense: “São João de Meriti, Caxias, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, era uma fila imensa, chegava em casa tarde por causa do trânsito, agora melhorou muito com o VLT”. Existia uma banca de jornal logo em frente ao ponto dos ônibus:

*No começo do trabalho eu não tinha dinheiro nem para ir embora para casa, morava em São João de Meriti. Minha mãe tinha um quartinho aqui na 1ª DP, onde guardava os produtos de limpeza, ela era servente. No quartinho tinha uma cama, às vezes eu dormia com ela na delegacia para economizar a passagem, até que conheci um taxista que tinha ponto aqui na praça, quando eu contei a minha história ele disse “de hoje em diante você nunca mais vai dormir em delegacia”, quando ele não me levava, me dava o dinheiro da passagem, ficamos juntos por dez anos, ele foi o amor da minha vida.*

Marli, na experiência de sua liberdade na Praça Mauá, se recorda dos prédios, das casas comerciais, assim como se recorda de seus amores: “amei muito e fui muito

amada, tive muitos namorados, dois no Cais do Porto, um na Rádio Nacional, um na 1ª DP, até no Hospital dos Servidores, quando conheci o taxista fiquei com ele”. Ela conta dos programas assistidos na Rádio Nacional, de ter beijado o Martinho da Vila na boca no afã de fã.

*Eu sempre tive amizade com o pessoal daqui, as meninas que trabalhavam na prostituição, o pessoal das casas comerciais, a galera dos Correios, do INPI, da Rádio Nacional, isso aqui era uma grande comunidade. Nunca ia direto para casa, tinha um salão aqui na praça que eu frequentava muito. No fins de semana, vínhamos para o*



Dona Marli em frente à antiga rodoviária Mario Procópio, atual prédio da Escola do Olhar. Acervo pessoal.



Dona Marli dentro do taxi de seu ex-namorado em frente ao Flórida. Acervo pessoal.

restaurante que ficava embaixo da 1ª DP (pilotis do MAR), beber, ouvir música, dançar. Eu tenho saudades daquela época, tenho saudades dos amigos. As boates eram todas nessa calçada do Flórida, existia a Escandinávia (onde hoje funciona o Restaurante Maravilhas do Porto), a Cowboy, a Broadway, Kalesa, Amsterdã (onde hoje funciona a Casa do Biscoito), a Flórida, que hoje funciona como boate gay. Eu queria aproveitar tudo, fui muito presa quando morava com o meu pai, depois que casei ficou pior, quando larguei tudo queria aproveitar a liberdade.

Nas ruas do porto, Marli se recorda dos barracões das escolas de samba e dos ensaios abertos na Avenida Venezuela, antes da existência da Cidade do Samba: Estácio, Unidos da Ponte, Império da Tijuca, entre outras. Ela conta que desfilou por nove anos na Império da Tijuca, onde conheceu Miguel Falabella, amigo que gostaria que

escrevesse o prefácio do seu livro de memórias:

*Eu gosto de carnaval, já desfilei na Grande Rio, Viradouro, Acadêmicos da Rocinha, na minha escola de coração que é a Portela eu nunca desfilei. Na minha juventude, eu saía da Sapucaí e vinha direto para o trabalho. Tinha um amigo que trabalhava comigo que me apelidou de Docinha, porque eu dormia em cima daqueles pacotes de 5 quilos de açúcar, que não existem mais, aquilo era uma cama para mim. Eu trabalhava cansada, com purpurina, mas não faltava!*

Para terminar nossa entrevista, pergunto a Marli qual é o seu sonho, ela navega em seus pensamentos e com os olhos de marinheira responde: “fazer um cruzeiro internacional, nesses lugares que a gente vê na televisão”.

*Quando os navios chegavam eu ficava lá fora pensando “um dia vou*

*viajar num navio”. Depois que me aposentei as coisas melhoraram, em 2018 eu fiz o sétimo cruzeiro, todo ano eu vou, é um vício que tenho. Eu chego nos navios e todo mundo me conhece pelo fato de eu estar há tanto tempo aqui no Flórida.*

Chegadas e partidas, navegações, o mar seduz Marli que do porto sempre observou os deslocamentos. Com orgulho a mãe fala do filho que realizou seu sonho de entrar para a Marinha do Brasil: “Meu filho fez trinta anos de marinha, já ganhou até medalha pelo tempo de casa, agora ele deve se aposentar, vai virar capitão, chorei quando ele entrou, vou chorar quando ele sair. Eu não me arrependo de nada, eu fui feliz, ainda sou feliz! A Praça Mauá para mim é o símbolo do amor”. Com orgulho de sua história, Marli, Lili, Docinha é um museu do cotidiano, ela olha para o seu álbum de fotografias e diz:

*Se a gente não escrever aquilo vai passar, eu adoro tirar fotografias. Cada foto é uma memória que volta, eu lembro do dia de cada foto dessas, é um pedaço de mim, da minha história.*

1. Com o crescimento econômico da década de 70, o DNPI foi transformado em Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) pela Lei número 5.648, de 11 de dezembro de 1970. Atualmente está situado na Rua Mayrink Veiga, 9, Centro.

Disponível em: <http://www.inpi.gov.br/noticias/inpi-chega-aos-45-anos-conheca-a-historia-do-instituto>

## IYÁ DAVINA<sup>1</sup>

Luzia Rocha

*Quem tudo quer saber,  
nada se lhe diz*

Iyá Davina

Maria Davina Pereira, conhecida como Iyá Davina, nasceu em Salvador em 1880. Foi iniciada no candomblé em 1910 por Pai Procópio Xavier de Souza no Ilê Ogunjá. Em 1920, mudou-se para o Rio de Janeiro junto com seu marido Theóphilo Marcelino Pereira, ogã da casa Ilê Ogunjá, instalando-se na região da Zona Portuária no bairro da Saúde. Sua casa ficou conhecida como Consulado Baiano, onde recebeu muitos irmãos de santo de mudança para a cidade. Nesse mesmo período existia o Terreiro de João Alabá de Omolú, localizado na Rua Barão de São Félix. Junto com Tio Pedro (Manoel Rodrigues Pontes), Tia Zazá e Tia Irinéia, filhas de santo do Ilê Ogunjá, se juntam ao Terreiro de Alabá. Após o falecimento de Alabá em 1926, Iyá Davina, que também era filha do orixá Omolú, junto de outras filhas de santo, herda os assentamentos de Alabá. E então “transfere-se”,



Iyá Davina. Foto do acervo pessoal da família.



devido à crescente modernização da cidade, primeiro para Bento Ribeiro, onde se torna Mãe Pequena da Casa, e depois para Mesquita, onde funda a Casa Grande de Mesquita (primeira comunidade/ terreiro de candomblé da Baixada Fluminense). Em 1950, após o falecimento de Tia Pequena, torna-se a última Yálorixa da Casa. Iyá Davina sempre continuou exercendo a sua atividade “consular”, recebendo e acolhendo seus irmãos de fé.

Iyá Davina possuía inúmeros filhos pequenos em outros terreiros, como nas Casas de Seu Tata Fomotinho (terreiro Kwé Cejá Nassô no Santo Cristo) e de Seu Ciriaco, também conhecido

como Tata Ludyamungongo. Participou da fundação de muitos terreiros de candomblé do Rio de Janeiro, tais como: Terreiro Bate Folha de João Lessengue; Ilê Axé Opô Afonjá (Mãe Agripina); Terreiro de São Gerônimo e Santa Bárbara (Mãe Senhorazinha) e o Ilê Nidê de Seu Ninô D’Ogum.

Em 1960, iniciou sua neta carnal Mãe Meninazinha de Oxum e acolheu as iniciações de seus outros filhos e filhas carnais Nair D’Oxaguian, Tia Neném de Xangô, Tio Nozinho, Tia Roxinha e de seus netos e netas.

Iyá Davina faleceu em 1964 aos 84 anos. A jovem Meninazinha, agora Mãe Meninazinha, herda o assentamento de sua avó e em

1966 vai buscá-lo em Salvador na casa de Pai Procópio. Hoje, Mãe Meninazinha segue o legado deixado por sua avó no Ilê Omolu Oxum no bairro de São Mateus em São João de Meriti.

Iyá Davina, assim como as outras Matriarcas, exerceu sua atividade de acolhimento aos seus e aos necessitados. Assim como as outras, foi uma lutadora pelas suas raízes religiosas e exerceu muito da sua força feminina, propagando para seus herdeiros a luta contra a intolerância religiosa e com todas as minorias, já propagada em seu tempo e, infelizmente, ainda existente hoje.

Portanto, encerro com as sábias palavras de Mãe Meninazinha de Oxum: “Aos olhos dos Orixás somos todos iguais”.

#### Bibliografia:

NASCIMENTO, Maria do. *História de uma Meninazinha: O Legado Ancestral*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2015.

[www.ileomolueoxum.org](http://www.ileomolueoxum.org)

<sup>1</sup> Texto originalmente publicado na página do GRES Feitiço do Rio, em 16 de outubro 2018.

Disponível em: <https://www.facebook.com/feiticodorio/>

Mãe Meninazinha de Oxum, neta carnal de Iyá Davina. Foto de Amanda Neri.



## ENSAIO VISUAL

# MORRO DO PINTO

Sandro Rodrigues

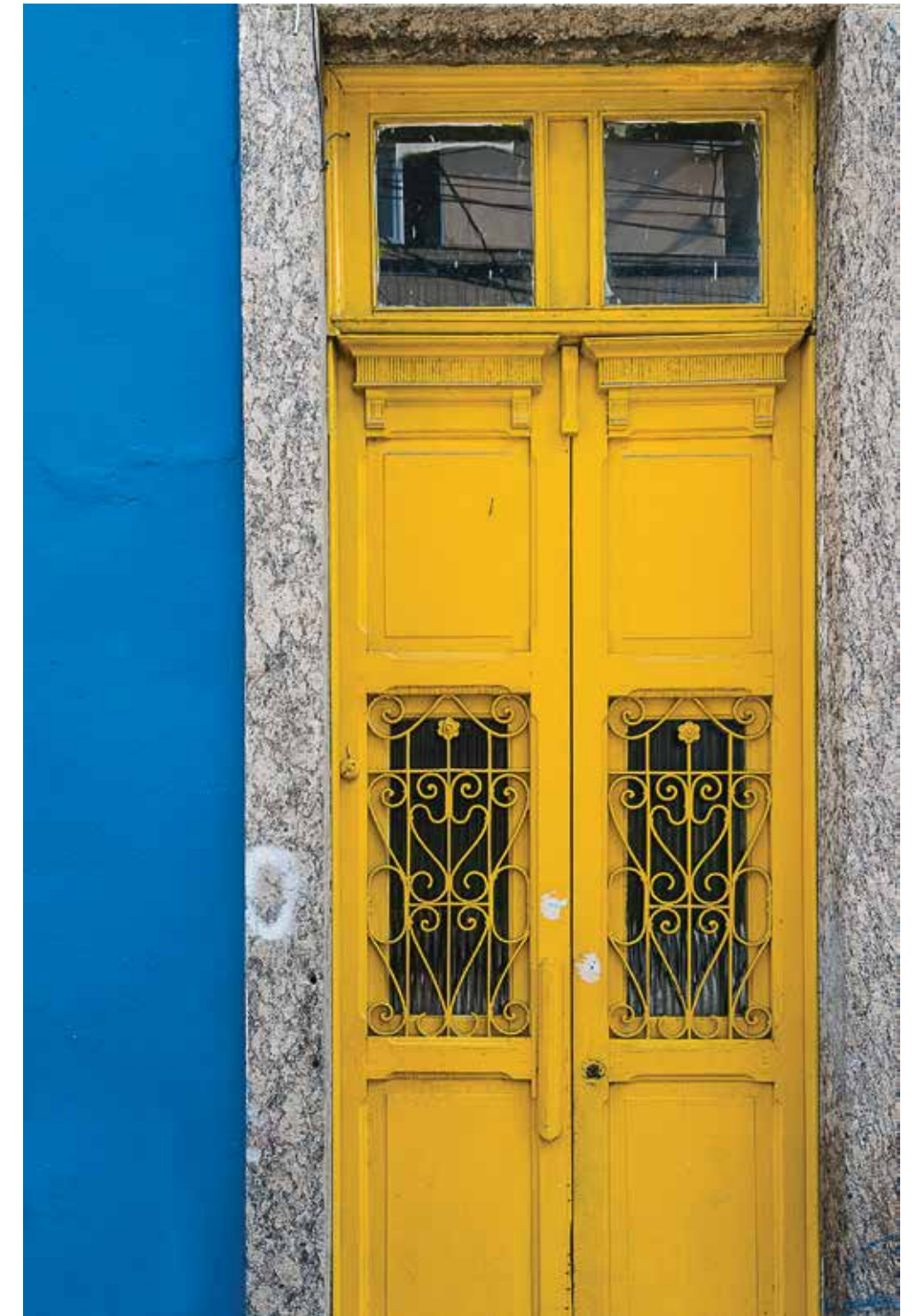
Na zona portuária do Rio de Janeiro, o Morro do Pinto permanece praticamente desconhecido, apesar de toda a efervescência em torno da região.

Ocupado desde os tempos coloniais, suas ruas, ladeiras e arquitetura guardam ainda hoje muito das tradições dos diversos elementos constituintes da nossa sociedade.

Como um tesouro a ser descoberto, este pedaço da cidade é uma joia de cuja existência poucos sabem.

Parafraseando aquele antigo rap, *vai que tu vai ver tu não vai mais querer descer*.

Sandro Rodrigues é morador do Morro do Pinto desde sempre. Com formação em História e fotógrafo, vem desde 2017 registrando o bairro e sua gente.





## CASA OMOLOKUM

Albino Neto entrevista Leila Leão



Eu conheci a Casa Omolokum quando ela ainda estava localizada no alto do Morro da Conceição, na Rua do Jogo da Bola, ao lado da Praça Leopoldo Martins. Hoje em dia a casa está localizada na Pedra do Sal, na Rua Argemiro Bulcão. De cara, o local me chamou a atenção pela sua beleza e simplicidade. A Casa Omolokum transmitia uma paz imensurável, o sentimento era muito bom. Se o ambiente já era extremamente acolhedor, fui conquistado definitivamente quando experimentei o melhor acarajé que comi na minha vida. A responsável pelo preparo da iguaria

é a *chef* Leila Leão, que comanda a cozinha de forma brilhante. Cozinha com amor.

Acredito que no início aborreci a Leila, porque nos meus passeios turísticos, quando apresentava a Casa Omolokum, cometia um enorme engano: confundia Omolokum com o Omolokô da umbanda. Mas Leila Leão, de forma carinhosa, me explicou que eu estava completamente enganado, me dando uma aula sobre Omolokum. Portanto não há ninguém melhor para explicar a você, leitor, senão a própria chef.

**Leila Leão, o que é Casa de Omolokum, seu significado, sua história e como o leitor pode provar das suas iguarias?**

A Casa Omolokum é uma casa de cultura afro-brasileira que tem como foco a valorização da comida de dendê, conhecida também como comida de azeite, que é a base da culinária ancestral de matriz africana. Nós fazemos releituras da comida de terreiro e comida afro-brasileira de um modo geral. Além da gastronomia, um grupo de afroempreendedores alimentam o espaço com música, moda,

artesanato, literatura, dança e tudo que compõe o segmento afro.

Não é um restaurante e sim um espaço de vivência que vai desde o aroma até o sabor da comida, o som dos tambores, as cores das roupas e fios de conta e todo o universo que se cria no espaço. Apesar de não ser uma casa religiosa, transmite toda a cultura do candomblé, religião da qual eu, chef e dona da casa, sou ativamente participante e na qual fui iniciada desde os catorze anos de idade.

O projeto Omolokum nasceu há cinco anos com a união de meus trabalhos com o músico percussionista Bruno Oliveira, meu ex-companheiro, nós dois de axé. Unimos nossos conhecimentos e firmamos um evento chamado Omolokum, com etnoculinária e música, na Fundação Progresso, grande casa de shows na Lapa-RJ. O evento durou dois anos, com edições mensais e um público que variava de 150 a 700 pessoas,

e mais de quinze expositores afroempreendedores por edição. Então, além de valorizar a cultura afro-brasileira, que era o nosso objetivo, o evento fazia circular dinheiro entre estes grupos.

Posteriormente abrimos a Casa Omolokum, espaço de vivência localizado na Pedra do Sal, lugar de grande força ancestral e de axé. A casa abre em baixa temporada, de abril a outubro, todo domingo de 13h às 18h. Entre novembro e março, aos sábados e domingos das 13h às 18h e, às segundas, das 19h às 23h. Em outros dias da semana é possível fazer reservas comigo para grupos e festas com 48 horas de antecedência e ter uma experiência mais detalhada, que pode incluir desde workshops de culinária até percussão, turbantes ou dança.

Omolokum é a comida da deusa Oxum, senhora das águas doces e frescas, da beleza, da fertilidade, é uma comida feminina composta

de feijão fradinho, cebola, dendê, camarão e especiarias, que alimenta corpo e alma.

A casa tem mais de quinze pratos, entre eles o acarajé, que é o queridinho dos clientes. Por causa dele temos o Festival de Acarajé todo segundo domingo do mês das 13h às 18h, com muito acarajé e sabores variados de vatapá, como camarão, peixe, bacalhau e frango, além de uma opção vegana. Neste dia, a casa tem shows e expositores em uma grande celebração da cultura afro e ancestral.

Mais que resistir, a proposta da casa é existir e ser um ponto de encontro de irmãos e de todo aquele que quer conhecer mais um pouco da história de um povo que firmou a identidade cultural de nosso país.

Valorizar o que é nosso é preciso e urgente para que nossa voz não se cale.

Venha para a Casa Omolokum alimentar corpo e alma.



# GALERIA PROVIDÊNCIA

## ARTE E SAÚDE MENTAL, QUAL É A IMPORTÂNCIA DESSES TEMAS PARA A POPULAÇÃO DE FAVELA?

Hugo Oliveira

Cria do Morro da Providência e idealizador do Galeria Providência.

fotos : : Walison Oliveira



Quando refletimos sobre alguns dos direitos básicos de que a população de favela também deveria usufruir – como o direito de ir e vir, o direito de igualdade perante a lei, o direito de integridade do corpo, o direito à moradia, o direito à intimidade (não-invasão domiciliar), o direito à educação, o direito ao lazer, entre outros – vemos como são temas de suma importância para todo

ser humano. No que tange à saúde mental, a ausência desses direitos, somada a uma sociedade movida pelo consumo e espetacularização, estruturam alguns dos fatores que geram as angústias, tristezas e medos, desaguando em depressão e outras patologias.

O acesso aos serviços de atendimento psicológico ainda é uma realidade

distante da população de favela, seja pelos valores altos, pelo preconceito do vínculo à loucura ou mesmo pelo pouco conhecimento sobre as possibilidades de tratamento. Aqueles que de alguma forma já ultrapassaram essas barreiras e encontraram auxílio nos CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) sofrem com a falta de vagas para o atendimento.

Em uma cidade com índices de violências que batem recordes todos os anos, com políticas públicas ineficazes para os problemas sociais mais básicos, a população trabalhadora carrega por séculos, sem muito questionar ou refletir, uma série de sofrimentos cotidianos que a sobrecarregam. Como provocar um momento de atenção em que seja possível falar dessas questões de forma acessível, informativa e que possa auxiliar na diminuição da sensação de abandono e de sofrimento? Como encontrar espaços para refletir sobre saúde mental dentro da favela?

Esse foi o desafio enfrentado pela equipe do Galeria Providência no mês de julho. Na sua terceira edição, o projeto deu continuidade à proposta de construir uma galeria de arte a céu aberto dentro do Morro da Providência. E, conhecendo a dinâmica social dos becos, vielas e os sofrimentos enfrentados pelos moradores, usou a temática como uma estratégia para discutir e refletir sobre a importância da arte e da saúde mental para a população de favela.

O evento contou com a participação de dez grandes nomes do graffiti: Hanna Lucatelli, Marcelo Ment, Toz, Larissa Rocha, Ian Raposo, Yaya Ferreira, Luna Bastos, Raphael Cruz, Bendita Gambiarra (Aline Besouro e Cali Nassar) e Mano Beijo. No meio do evento, rolou uma roda de conversa na rua onde ocorriam as pinturas dos painéis, onde os moradores convidados puderam ouvir de artistas como Raul Santiago, Rafa Eis, Diana Kolker

e Marcelo Ment, que utilizam as artes para atuar na redução de alguns desses danos em discussão.

O resultado gerou engajamento e comentários positivos a respeito da transformação gerada pelas cores, movimentação e festividade ocorrida no local, resgatando um pouco da esperança de dias melhores dentro da favela. Essa é a solução que moradores encontram dia após dia: pequenos momentos de lazer no pouco tempo que resta para enfrentar seus dilemas. São situações ainda bem análogas ao

Seja nos forrós, pagodes, bailes funk, churrasquinhos nas lajes, bares ou na religião, na maioria das vezes nos cultos evangélicos, missas católicas e/ou nos poucos candomblés que ainda existem.

Diante de tamanha desigualdade histórica é preciso rever as maneiras de acesso da população que mais sofre e as estratégias de valorização e cuidado com a vida simbólica. Se a saúde mental é direito de todas as classes sociais, uma verdade é sabida, é preciso tratar os menos favorecidos com urgência!



período de escravidão no Brasil, em que os cativos faziam suas reuniões para cantar, dançar e beber cachaça para aliviar dores e enfrentar a dura realidade dos deveres, sem nenhum direito.

Apesar dos direitos conquistados e, como vimos, pouco acessíveis, ainda hoje são essas reuniões que auxiliam na manutenção da saúde mental dos moradores de favelas.

*O graffiti mudou a minha vida, porque eu estudo na escola Darcy Vargas, até a minha escola quer que eu faça um graffiti lá, mas eu estou aprendendo ainda, então eu vou aprender. Eu faço fotos, jogo bola, danço, ando de bicicleta todo dia (é o que eu mais gosto de fazer), tenho 12 anos, sou cria da Providência. A Galeria Providência é muito importante para mim porque todo ano é um aprendizado e a gente consegue evoluir mais as coisas.*

Walison Oliveira

# O IMPACTO DAS CORES INICIATIVA NA PROVIDÊNCIA UNE SUSTENTABILIDADE E ARTE-EDUCAÇÃO

Um ar de alegria tem colorido as casas e as ruas da Providência, comunidade mais antiga do Rio de Janeiro. Sob os auspícios de Aline Miranda, o projeto Impacto das Cores teve sua sede oficial inaugurada em abril desse ano. O grupo recebe doações de tintas que seriam descartadas incorretamente e, com a ajuda de moradores da região, enche de cor praças e ruas abandonadas pelo poder público.

A ideia que inspirou a iniciativa veio em um passeio de Aline com sua filha há dez anos atrás. Enquanto brincavam em uma praça, ela ouviu da filha diversas reclamações quanto ao cuidado e ao aspecto do lugar, que parecia abandonado. Com isso, começou a prestar atenção em tudo a sua volta e a elaborar modos de ajudar a própria comunidade – sua família vive há mais de cem anos na Providência. As primeiras iniciativas começaram pouco tempo depois, quando Aline fez uma pesquisa para levantar os dados necessários – como situação da água, esgoto, iluminação etc. Com o resultado, tentou organizar grupos multitarefa que realizariam pequenos reparos na



Fotos :: Ricardo Siqueira



comunidade. A primeira tentativa não deu muito certo, houve pouca adesão de voluntários. Mas abriu um campo de possibilidades a ser explorado e, em 2013, Aline criou o Providência Sustentável: um projeto de conscientização ecológica voltado para os moradores da região. Três anos depois, em 2016, a líder comunitária foi convidada do Favela Painting, projeto que levava artistas do mundo todo para pintar murais nas comunidades do Rio de Janeiro. Nele, Aline organizou, por conta própria, uma intervenção artística no Morro da Providência. E, a partir daí, surgiu o Impacto das Cores.

O projeto vem transformando o ambiente da Providência e mobiliza um grande número de crianças e adolescentes. A sede, recém-inaugurada, serve como espaço mobilizador para inúmeras ações de educação ambiental e artística. O impacto do projeto é evidente: espaços antes degradados e evitados pela população local passaram a ser utilizados para os mais diversos fins. Isso, além de despertar um valor de pertencimento

e autoestima nos moradores, ajuda a diminuir os índices de violência. A final, alguns lugares se tornam verdadeiros playgrounds coloridos e convidativos.

Aline espera avançar e dar continuidade ao projeto, principalmente aumentando o número de doações de tinta. Para

tanto, pensa em fazer parcerias com algumas empresas que se instalaram na região e também conta com o apoio dos cidadãos do Rio de Janeiro que compreendam a importância desse tipo de iniciativa para uma cidade com mais alegria – principalmente nas regiões historicamente negligenciadas pelo poder público.



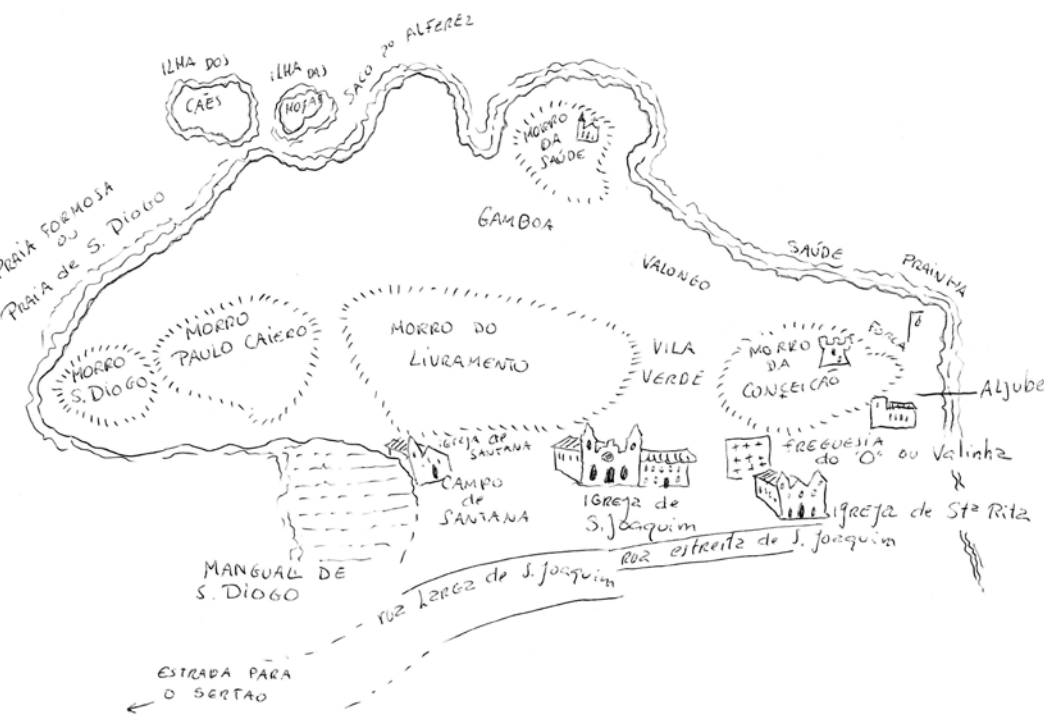
## MEMÓRIAS DA REGIÃO PORTUÁRIA

# A REGIÃO PORTUÁRIA NO LIVRO MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS: UM GLOSSÁRIO

Paula Carriconde

Não vou dar *spoiler* sobre o livro delicioso de um Rio antigo, espero que os leitores tenham curiosidade de lê-lo por si próprios. Quero apenas auxiliar os futuros leitores com a localização dos acontecimentos do romance (vide mapa) e um pequeno dicionário de termos já há muito esquecidos, que garimpei por aí. Como não sou pesquisadora ou historiadora, esqueci de anotar a bibliografia onde achei estes fatos. Indico apenas o romance editado pela Ediouro, em edição de bolso. Ele deve existir em edições de outras inúmeras editoras do Brasil. Espero ter ajudado e contribuído pelo interesse por esta obra de um tempo antigo e com as cores de um Rio que não volta mais. Boa leitura!

**Festa do Divino:** na frente da Igreja de Santana, no Campo de Santana, que se situava onde hoje é a saída da Central do Brasil em direção à Rodoviária Américo Fontenelle – dentro da Central há uma pequena capela onde ficava o altar-mor da igreja. A Festa do Divino Espírito Santo foi muito popular na primeira metade do século XIX, sendo depois perseguida até a extinção por ser considerada pouco civilizada.



A festa poderia durar das sete horas da manhã até às dez horas da noite. Na frente da Igreja de Santana era montado um pau de sebo, com a pombinha no topo. Na lateral da igreja era montada uma capela com um estrado e um trono, onde era coroado um menino como imperador divino (daí esta lateral ser chamada de imperial, onde nosso herói procura alguém). Em volta, músicos barbeiros faziam um quadrado e depois saíam nesta formação levando a bandeira do Divino pelas ruas, entrando nas casas e recebendo ofertórios (esmolas). Na volta havia folias, prendas, leilões, bandas de música e pantomimas, a que o pequeno imperador e o público assistiam. A capelinha era

iluminada por centenas de copinhos com velas. Pelo campo armava-se barracas de vários tamanhos. Na barraca do “Gostoso”, por exemplo, vendia-se pão-de-ló e roscas, outras ofereciam outros comidos e bebidas. Na barraca do “Bom Gosto” por cinco tostões podia-se ver: engolidores de espadas, duetos de “meirinhos e o pobre” ou outra opereta, ou peças como *O juiz da paz na roça*. Também havia barracas de prêmios (bonecas, flautas, ou gaitas). Para as crianças tinha teatro de marionetes na barraca do “Teles”, aliás, nesta barraca acontecia também bailes com valsas, polcas ou comédias, árias de operetas, duetos e espetáculos de ginasta. O dia terminava com lundus e batuques, o

maxixe (mistura de polca com lundu) apareceu ali em 1876. Fechava-se o dia com a queima de fogos de artifício (dos tipos cobrinha, lágrimas, rodas de fogo, fragatas com fortalezas e girondolas). O auge das Festas do Divino foi entre 1840 e 1855, sendo depois coibida até desaparecer por volta de 1890, quando migrou para os teatros e apareceu numa peça do grande ator Vasques em 1865.

*P.S.: Havia Festa do Divino em outros bairros, mas a mais popular era a do Campo de Santana. Acontecia também no Largo da Lapa, na Matriz de Santo Antônio (hoje Largo da Carioca), no Largo de Santa Rita e no Largo do Estácio.*

**Canto dos Meirinhos** - ficava na junção da Rua do Ouvidor com a Rua da Quitanda (esse largo ainda existe, é redondo nas quatro esquinas). O que mudou foi a arquitetura em volta, mas o resto sobreviveu: ficam os meirinhos sentados uniformizados em bancos de couro, esperando ordens de cobrança. O traje consistia em calção (hoje bermudas) casaca e meias pretas. Na cabeça um chapéu armado, mais fivelas no sapato e espadim na lateral do quadril, além de um círculo branco no outro quadril.

**Casa da Guarda** - onde ficava o comando do Major Vidigal (o terror dos bandidos), o equivalente a uma chefatura de polícia, era no Largo da Sé, atual Praça XV.

**Campo dos Ciganos** - depois Largo do Rossio e hoje Praça Tiradentes.

**Pátio dos Bichos** - no Pátio dos Bichos trabalhavam três ou quatro

oficiais muito velhos vestidos de lilá (antigo tecido de lã fino e lustroso) numa saleta no paço da Praça XV logo à entrada da porta principal.

**Ucharia Real** - era um departamento da corte real, uma despensa para carnes ou depósito de mantimentos das casas reais e abastadas.

**“Pô-lo na Conceição”** - significava colocar alguém no serviço militar, pois no Morro da Conceição havia e ainda existe uma fortaleza militar.

**Música de Barbeiros** - constituíam-se bandas de negros aprendizes ou oficiais de barbeiros, que utilizam principalmente pistom e trompas como instrumentos musicais.

**Manchete** - cavaquinho.

**Maganás** - travesso, atrevido.

**Pataca** - moeda antiga de prata que valia 320 réis.

**Robição** - sobrecasaca.

**Fâmulo** - criado, servo.

**Sarabanda** - dança popular, ou tumulto.

**(Santa) Ferula** - palmatória.

**Escorrichar as galhetas** - sacristão (depreciativo).

**Mestre de Cerimônia** - clérigo ou padre que dirige o cerimonial litúrgico no século XIX.

**Aljube** - presídio para padres rebeldes construído no século XVII,

tornou-se prisão comum no século XIX. Os condenados à forca eram aí colocados e no dia marcado levados para a forca que ficava na prainha (hoje Praça Mauá). Antes, passavam pela Igreja de Santa Rita onde ajoelhavam-se no portal e faziam suas últimas orações.

O autor Manuel Antônio de Almeida nasceu em dezessete de novembro de 1831 na Praia da Gamboa, Rua do Propósito (casualmente 99 anos depois nasceria a cantora e grande compositora Dolores Duran, seu maior sucesso foi “A noite do meu bem”, mas isso é outra história). Depois sua família se mudou para a Rua da Vala (atual Uruguaiana) quase esquina com a Rua Estreita de São Joaquim (hoje Marechal Floriano). É bem provável que ele tenha estudado no que seria o Colégio Pedro II, depois fez desenho na Academia de Belas Artes (tudo próximo a onde morava). Foi jornalista, estudou medicina, trabalhou no jornal Correio Mercantil. Em 1858 foi nomeado administrador da Tipografia Nacional, onde conheceu e ajudou Machado de Assis. Também foi segundo oficial da Secretaria dos Negócios da Fazenda. Em 1861, no dia 28 de novembro, morre no naufrágio do navio Hermes que bateu nos arrecifes indo para Campos dos Goytacazes, onde tentaria uma eleição para a Assembleia Provincial. Neste desastre morreram 37 passageiros.

O livro saiu em fascículos no suplemento do jornal Correio Mercantil, “na pacotilha”, semanalmente de 27 de junho de 1852 a 31 de julho de 1853. Foi lançado em volume em 1854 e 1855.

# VILA VERDE E A HISTÓRIA DA FUSÃO DOS BAIROS NA REGIÃO PORTUÁRIA

Paula Carriconde

A curiosidade é como uma pulga que de repente habita atrás da nossa orelha! Como tudo começou? Sei lá. Talvez uma notícia ouvida no rádio. Ou uma reportagem em algum jornal, ou talvez pela TV. Só lembro que uma referência a uma igreja dedicada a São Joaquim, há muito derrubada, despertou a minha pulguinha. E a cada nova peça do quebra-cabeça, ela picava com mais força. Volto à Igreja de São Joaquim derrubada para fazer a ligação do Valongo (porto e mercado de escravos) com a Rua Larga de São Joaquim (hoje Avenida Marechal Floriano). Havia ao lado um convento, também dedicado a São Joaquim, que, no Segundo Império, foi transformado em orfanato e depois em colégio (atual Pedro II). Tudo isso foi reavivado com a construção do VLT, quando encontraram nas escavações para a colocação dos trilhos os esqueletos da antiga aristocracia carioca que foi enterrada dentro da igreja. Daí a pulguinha enlouqueceu e mordeu com desespero. Então o destino ajudou.

Na Praça XV acontece todos os sábados uma feira de antiguidades e, ao lado, a feira dos sem terra – chamo assim porque eles não têm barracas, colocam suas mercadorias no chão. Pois foi nesta última que

achei um livro usado que falava sobre a região onde ficava a igreja, chamada Vila Verde<sup>1</sup>, situada entre o Valongo e a atual Avenida Marechal Floriano, e da Rua Teófilo Otoni até o início do Morro da Conceição. Entre 1637 e 1642, foi um antro de criminosos, onde bandidos da pior espécie viviam. O trecho mais pavoroso era o trecho chamado Valinha, próximo à atual Igreja de Santa Rita. Era tão perigoso que os “quadrilheiros” (a polícia da época) não entravam, e nem perseguiam os fascínoras que lá encontravam abrigo. Os maiores crimes ocorridos neste período tiveram como autores criminosos desta região. Em Vila Verde a vida humana tinha pouco valor, matava-se por um copo de cachaça. E isto deu ao Rio a triste fama de ser uma cidade violenta e onde se matava mais barato, em pleno século XVII. A Rua Larga de São Joaquim junto com a Rua Estreita de São Joaquim faziam a ligação da cidade do Rio de Janeiro com o chamado Sertão, ou seja, o interior do estado. Na Rua Estreita de São Joaquim ficava a Igreja de Santa Rita, no princípio Freguesia do Ó, depois de Santa Rita, e onde rezava-se a missa dos enforcados. Nela, os condenados à força

(montada no Largo da Prainha, hoje Praça Mauá) ajoelhavam e faziam suas últimas orações antes de serem conduzidos ao patíbulo. Na frente da Igreja de Santa Rita eram enterrados os escravos. O VLT achou os despojos, mas decidiu não exumá-los, e tornou a seputá-los. Hoje, quando comemos as famosas sardinhas de sexta-feira no Largo de Santa Rita estamos acima de um cemitério de escravos. Há outro bairro desaparecido da zona portuária que me vem

à cabeça quando lembro de um antigo filme dos anos 1950, sobre a vida de Francisco Alves, o rei da voz – também chamado de Chico Viola – com o ator Cyl Farney – galã hoje esquecido, irmão do cantor Dick Farney – e a atriz, então iniciante, Eva Wilma. Refiro-me ao bairro de Santa Efigênia, que aparece logo no início do filme. A cena mostra uma praia e um morro que desapareceram com a construção do porto no início do século XX: a praia formosa

– atualmente ressuscitada pelo VLT – e o bairro Vila Guarany, onde hoje está a Rodoviária Novo Rio. Vemos também a última estação de bondes puxados por mulas, precisando de restauro. Até pouco tempo ainda havia o varal para amarrar os cavalos e o bebedouro dos mesmos. Ainda na mesma região tem a casa egípcia, espetacular construção, uma grande casa em estilo holandês, hoje restaurada. E a última cocheira totalmente descaracterizada, onde

se alugavam carruagens no século XIX. Depois, o último bairro: a Praia dos Mineiros. Hoje esses bairros antigos, Vila Verde, Santa Efigênia, Largo de Santa Rita, Vila Guarany, Praia dos Mineiros, foram diluídos nos atuais bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo.

<sup>1</sup> As referências citadas no texto sobre a Vila Verde, foram retiradas do livro MACEDO, Sergio D. T. Memórias do Rio. Rio de Janeiro: Record, 1964.



# DOCAS DOM PEDRO II O GALPÃO DA CIDADANIA

Por Norton Tavares, morador do Morro da Conceição

Comigo-ninguém-pode, espada-de-são-jorge, arruda, alecrim, guiné, manjerição e pimenta. A baiana, que chegou cedo ao Mercado de Madureira, subúrbio do Rio de Janeiro, fez questão de escolher pessoalmente as melhores folhas. Pouco tempo depois, já em casa, preparou com as ervas a água de cheiro que seria utilizada para a limpeza energética e espiritual de um local sagrado para ela e seus ancestrais. Junto com outras mulheres, todas descendentes dos que desembarcaram naquele chão, trazidos à força da África, começaram o ritual com muita cantoria e dança. O Cais do Valongo, ponto de chegada de aproximadamente um milhão de almas escravizadas, cantava. Do outro lado da rua, um prédio opulento parecia assistir à festa.

Apesar de não guardar mais suas características originais, o Docas Dom Pedro II ainda traz em suas fundações um pouco da história de André Rebouças, primeiro engenheiro negro a atuar no Brasil. Finalizado em 1875, o armazém foi construído com a mais moderna tecnologia inglesa de engenharia da época, em uma

tentativa de modernizar a região portuária que precisava de um local mais apropriado para armazenar cargas que antes eram estocadas em precários trapiches, feitos de madeira, além de servir como local para pequenos reparos navais.<sup>1</sup>

Apesar de Rebouças ser um grande abolicionista, a razão pela qual não foi utilizada mão-de-obra escravizada na construção do prédio foi que, desde a década de 1850, já era padrão a contratação de trabalhadores livres para concessão de subsídios governamentais.<sup>2</sup> O local funcionou como doca até o início do século XX, quando foram iniciadas as obras que originaram o atual Cais do Porto do Rio, adequando, então, a cidade às novas necessidades do mercado internacional que exigia a utilização de navios de grande calado.

Com todo o entorno do prédio aterrado, o galpão, com 160 metros de extensão e 35 metros de pé-direito, ficou abandonado por longos períodos. Durante o regime militar, foi ocupado e modificado pelo exército como garagem de veículos blindados. E na década de 1990, pelo carnavalesco Joãozinho Trinta, que o



Docas Dom Pedro II. Foto de Juan Gutierrez, 189(?)

utilizava para confecção de alegorias e realização de oficinas de arte.

Completamente abandonado e em péssimo estado de conservação, foi cedido no ano 2000 à Ação da Cidadania, organização da sociedade civil de combate à fome criada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que recuperou totalmente o prédio. Hoje ele é utilizado como espaço de promoção da cidadania através de eventos, oficinas culturais, apresentações artísticas e como sede nacional da campanha Natal Sem

Fome, que em 2018 distribuiu mais de mil toneladas de alimentos para famílias em situação de insegurança alimentar em todo o Brasil.

Apesar de não guardar mais suas características originais, modificadas no governo militar – como o alinhamento da fachada frontal à recém-criada Av. Barão de Tefé – o prédio traz aos seus visitantes a falsa impressão de que ainda é do mesmo jeito que o deixado por Rebouças. Seus tijolos aparentes, porém, foram

uma escolha estética do arquiteto Hélio Pellegrino, já nos anos 2000, para a reforma realizada pela Ação da Cidadania.

Tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) em 2016, o Docas Dom Pedro II, também conhecido como Galpão da Cidadania, tem hoje sua vocação como espaço de preservação da memória afro-brasileira e também de luta por um Brasil sem fome e sem miséria.

1 SOARES, Carlos Eugênio. *Valongo, Cais dos Escravos: Memória da Diáspora e Modernização Portuária na Cidade do Rio de Janeiro, 1668 – 1911*. Museu Nacional, UFRJ, 2013. (Disponível em <https://portomaravilha.com.br/conteudo/estudos/academicos/DOCTORAMENTO%20UFRJ%20ARQUEOLOGIA%20.pdf>)

2 INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Ata da 84ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural*. Brasília, 24 nov. 2016. (Disponível em [http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/ata\\_da\\_84\\_reuniao\\_conselho\\_consultivo.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/ata_da_84_reuniao_conselho_consultivo.pdf))



# UM INOVADOR NA ARTE DA INTERPRETAÇÃO TEATRAL

## A SOCIEDADE DRAMÁTICA PARTICULAR FILHOS DE TALMA HOMENAGEIA O ATOR J. F. TALMA

Ricardo Lens



François-Joseph Talma (1763-1826) em retrato de Aimée Perlet, de 1823. [Wikimedia Commons](#)

*L'acteur Favori de Napoléon!* Esse era o enredo do bloco Cordão do Prata Preta para o carnaval de 2013. A Sociedade Dramática Particular (SDP) Filhos de Talma foi fundada em 1879 por brasileiros e portugueses como homenagem ao ator francês

François Joseph Talma. Mas o que levou esse grupo de artistas a adotar Talma como pai? Localizado em uma das artérias mais nostálgicas da história da Gamboa, na Rua do Propósito nº 20, na cidade do Rio de Janeiro, o prédio em estilo colonial está situado na região do projeto Porto Maravilha. Neste teatro se apresentaram, um dia, a extrovertida Dercy Gonçalves, o rei Roberto Carlos, a ternurinha Wanderléa (antes de surgir a Jovem Guarda), os Golden Boys, a Orquestra Tabajara, Ed Lincoln, entre outros.

A reinauguração do espaço contou com a presença de Sueli Azevedo, que em 1963 foi coroada legitimamente pelos artistas da trupe a primeira Rainha da SDP. E, plantando uma árvore genealógica imaginária, considerando o romance de Talma com a princesa da França, Pauline Bonaparte, suscitaria real atribuir a Sueli um título de nobreza artística?

Talma também é um dos primeiros atores franceses a desempenhar os papéis principais no repertório de Shakespeare. Seu futuro será, na verdade, mais influenciado pela descoberta do teatro elisabetano. A época isabelina, que não se limitou a adaptar os modelos, renovou felizmente a métrica com o verso branco e introduziu, assim mesmo, uma série de técnicas teatrais de vanguarda que foram utilizadas séculos mais tarde pelo cinema e a televisão. O cenário inglês no fim do século XVI (sobretudo em Shakespeare) apresenta uma frequente e rápida sucessão de cenas que fazem passar rapidamente de um lugar a outro, saltando horas, dias ou meses com uma agilidade quase igual à do cinema moderno. O verso branco trabalha conferindo à poesia a espontaneidade da conversação e a naturalidade do recitado.

Foi em uma liderança juvenil que ele primeiro ganhou destaque: Talma foi um dos primeiros

defensores do realismo no cenário e na fantasia. Aluno da Royal Dramatic School, em 1786 Talma possuía os dons físicos para capacitá-lo a se sobressair: uma aparência marcante e uma voz de beleza e poder, que ele gradualmente treinou para a perfeição. No início um pouco empolado e monótono, passou a ser considerado um modelo de simplicidade. Iniciou mudanças nas formas de representação atuante e com relação às roupas cênicas. Talma se casou com Julie Carreau, uma senhora rica e talentosa. O ator era um amigo íntimo de Napoleão Bonaparte, que se deleitava em sua sociedade.

Uma nova proposta teatral baseada em uma forma de militância estética parece ter começado já no século XVIII, quando atores e dramaturgos derrubavam os códigos da tradição teatral clássica. Já ali



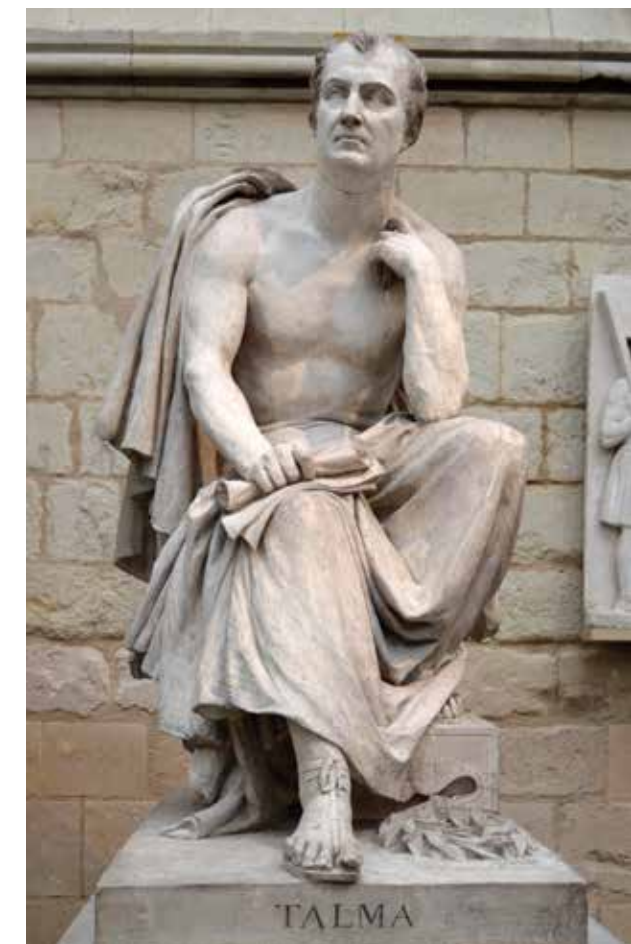
Talma como Nero na peça Britannicus de Jean Racine, pintado por Eugène Delacroix (óleo sobre tela, 1982 ou 1983). Na coleção da Comédie-Française. [Wikimedia Commons](#)

ocorre um diálogo entre tradição e modernidade e ele é encarnado, no teatro, em uma mesma pessoa e em um mesmo corpo: o do ator.

Sua carreira (1763-1826) encarna perfeitamente o diálogo entre tradição e vanguarda, representando tanto a institucionalidade como a ruptura. Intérprete dos grandes papéis da tragédia clássica, ele permanece membro da Comédie-Française até sua morte, mas não é considerado pelos historiadores até então um ator revolucionário no sentido político e artístico do termo... É o primeiro comediante francês a ter reivindicado em seus compromissos políticos, assim como em seus escritos, o desejo de fazer parte de uma vanguarda teatral.

Talma posou como modelo para Delacroix quando atuava no papel de Nero (óleo sobre tela, 1853). Delacroix não constrói um discurso moral em sua representação, não há criação de heróis ou mártires. Sua composição se pauta pelo uso das cores quentes e vivas, é requintada e repleta de detalhes e elementos que possuem um caráter solto na pintura e intensificam o caos revolucionário. Tudo possui uma medida exata e um lugar certo. Mesmo com o desprendimento dos traços, a pintura de Delacroix é pensada.

A figura central que segura a bandeira, *A Liberdade Guiando o Povo*, de 1830, mesmo possuindo caráter alegórico é um misto de realismo e retórica. Vestida com as roupas do povo



O ator Talma, escultura de David d'Angers na praça da galeria David d'Angers. [Wikimedia Commons](#)

e conclamando-os para a luta. Diversos são os indivíduos que compõem a cena: vivos e mortos, plebeus e intelectuais, jovens e velhos. A composição de Delacroix unifica esses elementos turbulentos na tela.

Sendo auxiliado por um amigo – o pintor Jaques-Louis David, que iniciou suas primeiras obras-primas de estética neoclássica, estilo com base no Iluminismo – estabeleceu um diálogo entre o real e o ideal. Simpatizante da Revolução, dos ideais republicanos e amigo de Robespierre, David usa elementos escultóricos gregos em *Marat Assassinado* (1793), onde figura músculos e tendões muito bem delineados e perfeitos,



Estátua de François-Joseph Talma na fachada da prefeitura de Paris, França. *Wikimedia Commons*

resultado de sua observação e seus estudos de arte da Antiguidade. David constrói uma alegoria moral enxuta e rigorosa para os revolucionários, e a obra prima *Marat* se torna um ícone da Revolução Francesa. Talma aparece no pequeno papel de Proculus no *Brutus*, de Voltaire, com uma toga e um curto corte de cabelo romano, coturnos de época e, o que mais choca: braços e pernas nus! Propõe interpretar os personagens

vestidos de acordo com seu tempo e não seguindo a moda contemporânea para surpresa de uma plateia acostumada com o figurino do século XVIII no palco, independentemente de sua adequação ao papel desempenhado. Ele é frequentemente creditado por ter introduzido o penteado neoclássico masculino.

Pioneiro de uma revolução estética, adapta a revolução política

às suas ideias teatrais. Aparece em cena sem peruca, sem declamar versos trágicos; atropela as convenções do espetáculo trágico de tal maneira que a tragédia se direciona para um outro estilo: o drama histórico e político.

O teatro foi então a caixa de ressonância dos acontecimentos políticos, e é também visto como um poderoso instrumento de comunicação e educação do povo. Entoando cantos pictóricos, o galo, um dos símbolos de valentia e da França, servia de motivação aos ativistas revolucionários.

Talma também era amigo de Joseph Chérnier, Georges Danton, Camille Desmoulins e outros revolucionários. Foi no antimonárquico *Charles IX*, de Chenier, produzido em 4 de novembro de 1789, do qual um dístico (forma de apresentar um mote em poema, que também compõe o soneto shakespeariano) profético sobre a destruição da Bastilha fez a casa explodir em uma salva de aplausos, liderada por Mirabeau. Essa peça foi responsável pelas dissensões políticas na Comédie-Française que resultaram na criação, sob o comando de Talma, de um novo teatro.

Recentemente foi lançado um selo postal comemorativo em euros de € 1,20 e, no passado, outro em franco francês de Fr 0,30 com desenhos da imagem de Talma. Simbolicamente, haveria um significado especial se a SDP recebesse alguma correspondência com essas estampas.

## CRÉDITOS

### Edição geral

Izabela Pucu  
Bruna Camargos

### Comissão editorial

Arlen Batista  
Augusto Batista  
Leonardo Tonan  
Paula Carricone  
Ricardo de Aragão

### Produção editorial

Juliana Travassos

### Colunistas

Albino Pereira Neto  
Aline Mendes  
André Vargas  
Bruna Camargos

Gabriela Cyrne  
Hugo Oliveira  
Luzia Rocha  
Norton Tavares  
Paula Carricone  
Ricardo de Aragão  
[Ricardo Lens]  
Sandro Rodrigues

### Entrevistas

Leila Leão  
Marli Farias

### Participantes da Oficina

#### Folha sobre folha

Aline Mendes  
Ana Carla  
André Vargas  
Arlen Batista

Augusto Batista  
Bruna Camargos  
Celina Rodrigues [Mãe  
Celina de Xangô]  
Cosme Felippesen  
Dauá Puri  
Elcio Costa  
Eliana Rosa  
Francisco de Souza  
Gabriela Cyrne  
Gabriel Catarino  
Hamilton  
Hugo Oliveira  
Izabela Pucu  
Leandro Rodrigues  
Lili  
Luciana Coutinho  
Luziete Fernandes  
Marcia Alves

Matheus Fontinele  
Niara do Sol  
Norton Tavares  
Paula Carricone  
Petruccio Anjos  
Ricardo de Aragão  
Robson Felix  
Sandro Rodrigues

### Revisão

Lucas Hombeeck

### Design

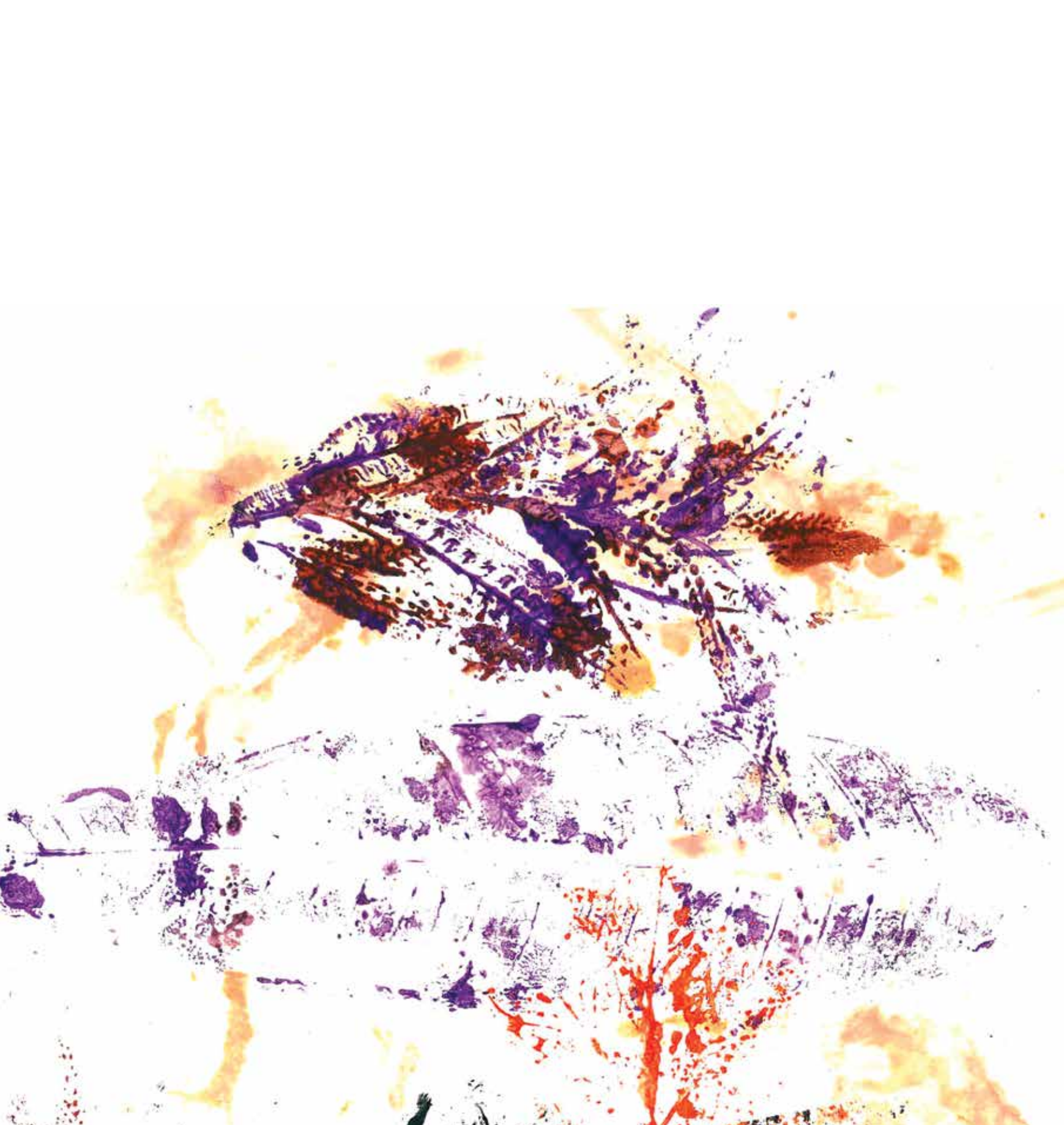
Augusto Batista

### Impressão

WSM Gráfica



foto :: Denoit Sournier



MANTENEDOR



GRUPLOBO

PATROCÍNIO MASTER



PATROCÍNIO



APOIO FINANCEIRO



PATROCÍNIO ESCOLA DO OLHAR



APOIO ESCOLA DO OLHAR



APOIO



GESTÃO



CONCEPÇÃO E REALIZAÇÃO



REALIZAÇÃO

